

## Metáfora da paixão \*

Vera Motta<sup>1</sup>

*Foi do desejo da histérica que Freud pôde extrair seus significantes-mestres, afirma Lacan (1992). Em outras palavras, a histérica fez Freud trabalhar e inventar a psicanálise.*

*O edifício do delírio constrói-se com o saber-fazer do analista. Companheiro da construção do delirante, o analista pode amar um tipo de saber presente no sujeito psicótico, e este amor de transferência torna-se instrumento de conhecimento, permitindo extrair um saber (LAURENT, 1998).*

*Paciente, 20 anos, segundo grau incompleto, sexo masculino, pai com 36 anos, vive com os avós paternos. Vem ao CETAD em razão de episódio recente de internação, em hospital psiquiátrico. Traz duas datas precisas: a do início do uso de drogas, motivado, segundo ele, pela leitura de um livro sobre drogas alucinógenas e depressoras, e outra data relacionada à perda da namorada. Veremos em que essas datas estabelecem uma conexão significativa na existência desse sujeito. Ao mesmo tempo, comparece com a seguinte questão: O que é que existe onde nada existe?*

*Esse interrogante, posto na experiência, faz deslizar uma série de construções com as quais o sujeito pretende preencher o vazio da ausência de uma resposta. Encontra o saber médico como referência ordenadora – os benefícios da ordem são incontestáveis – lembra Freud (1974, p.113): atribui-se diagnóstico – “encefalopatia metabólica”, cogitando entre a melancolia, a depressão e a euforia,*

\* Publicado nos Anais da 1ª Conversação Clínica Brasileira “Saber como fazer com o sintoma psicótico”. Instituto do Campo Freudiano. Campos do Jordão, nov./98, p. 51-53

*embora considere que esteja salvo da paranóia; refere a recensão de 1465 medicamentos, com suas respectivas composições e indicações terapêuticas; demanda “hormônios cerebrais”, investiga neurotransmissores; estabelece uma versão muito particular da Neuroquímica, compondo-a de elementos retirados do quadro atual e de outros, de sua lavra; identifica cada um dos viventes à sua volta com um composto químico: o tio, alcoolista, que lhe desagrada, é a dopamina; o pai, suave, doce, calmante, é a serotonina. Seleciona a valina, suposto neurotransmissor, para com ela se identificar. É esta substância que, segundo concebe, confere percepção visual especial, sob o efeito de inalantes, especialmente da cola.*

*A cola faz entrada especial na série ficcionada das substâncias psicoativas: maconha, cola, LSD, drogas alucinógenas ou psicodélicas.*

*Na experiência do Espaço de Convivência (oficinas de arte do Centro), o trabalho se intensifica: produz um medicamento à base de anfetamina, subscrevendo-o sob a insígnia de médico. Escreve peças de dramaturgia, designando uma delas de Metamorfose, e em que faz aparecimento um personagem Justiceiro: este tem paixão por uma mulher que o corrompeu, assim se expressa o autor, e a partir do que tudo de ruim lhe acontece. “As emanações são almas que aderem a ele”, afirma. Há uma Besta colada ao Justiceiro. A Mulher pertence a outro, é a Mulher do Mal. Demanda da instituição o lugar de objeto da ciência: há um rato que passeia no seu cérebro, arranhando-o, sendo ele próprio também um rato da ciência, oferecendo-se ao Outro.*

*No tratamento, submete sua mãe, de quem diz jamais ter ouvido falar, a uma divisão: ela se apresenta sob várias identidades. Num escrito cujo destinatário é a analista, e em que clama por um parceiro que partilhe a mesma experiência de drogas, pedindo ajuda para a sua dor, sentencia: “minha privação materna primária afeta minha personalidade, favorecendo o uso da droga”. A mulher é uma referência não-toda: ela é sempre dupla, e, em uma de suas vertentes, é o que o impele à escrita. Neste mesmo escrito, faz aparecimento a expressão “rasgos de personalidade”, pertencente à língua do Outro (espanhol), e que se converte, em sua fala, (Grundsprache), em “pedaços da personalidade”,*

*supondo ter sido assim sua própria existência, sem a presença da mãe. A queixa de impotência é o corolário dessa divisão, atribuindo o fato ao uso de decanoato de haloperidol.*

*Mostra à analista um outro escrito, dirigido ao psiquiatra que o acompanha, e de quem se queixa, justamente, pela divisão no seu caso: precisa, segundo ele, de vitaminas para controlar os espasmos. Correlativamente, expressa sua própria divisão não num duplo, mas num triplo, consoante as funções que cada um deles exerce em relação à droga: experimentador um, censor outro, e um terceiro pesquisador. A este último, cabe a tarefa de criar “o novo homem”, projeto que mantém em reserva, supondo uma intervenção escusa do Outro, que poderia resultar no seu próprio aniquilamento.*

*A necessidade de criar é, para ele, imperativa. Contudo, o fenômeno da crença, que proíbe a abertura dialética na psicose (LACAN, 1979) supõe, igualmente, o fenômeno da Unglauben, momento em que seu sentido se desvanece: o paciente atribui à analista um julgamento dessas construções, que denomina de “fantasmiosas”. Desenvolve uma concepção do mundo sob o manto de uma teoria, que ele designa de SEAMPG, e que se converte, fonologicamente, em “Geosfinx”, e cujo significado é: todas as coisas. O único Outro, para este paciente, segue sendo a língua, contra a qual não há defesa possível. (MILLER, 1994).*

*Postula, em seu ato de criação, a demanda do Outro: ele deve produzir “novas drogas” para a humanidade. “Sem a droga afetando meu corpo, todo trabalho é em vão”, afirma no seu escrito, lamentando “o tempo perdido e os anos de trabalho científico jogados fora”.*

*As forças do Bem e do Mal (estas representadas por policiais, traficantes, médicos) realizam, no imaginário desse paciente, uma verdadeira rutura: de um lado, sua teoria do mundo é inspirada em Deus. Por outro, encontra sua origem, contada num rap, em uma das sessões, em Satanás, por quem foi orientado a viver no mundo, tendo sido, aos sete anos, desviado para o Bem. Seu ensinamento, iniciático, que lhe permite ingressar no mundo, conforma um escrito, um livro do saber, e cujo nome é para ele uma surpresa que a analista desconheça: Economicto.*

*Como sustentar uma hipótese como a do inconsciente – se não se vê que é a maneira que teve o sujeito, se é que há algum outro sujeito senão aquele que está dividido por estar impregnado, poder-se-ia dizer, pela linguagem? (LACAN, 1993. p.124).*

*Em razão dessa tese é que verificamos, no pensar do nosso sujeito, as tentativas de ordenamento da droga, sob a forma de ficções científicas, outorgando-se, como tal, o título de médico, aquele que, bem lembrado por Lacan (1985), exerce um uso ordenado, do ponto de vista do gozo, do que se convencionou chamar de tóxicos.*

*Neste sentido, cabe assinalar a conexão droga-mulher, presente desde as primeiras entrevistas. Eis o que, necessariamente, cola. É dessa forma que nosso paciente procura se haver com o Outro do sexo. Na impossibilidade de alcançar aquilo que especifica o gozo da Mulher, ou ainda, de inscrever o fiasco do sexual, nosso paciente ficciona.*

*Na peça de dramaturgia (gênero literário a múltiplas vozes), intitulada *Metamorfose*, o paciente constrói uma metáfora da paixão: o protagonista, o Justiceiro, tem paixão por uma mulher que o corrompeu, e este é o pivô de todos os acontecimentos nefastos à sua volta.*

*Se a psicose é um ensaio de rigor, e plena de sentido, como quer Lacan (1976), o sujeito tenta resgatar a razão perdida com a paixão, pedindo um sentido para sua vida. Se um delírio pode ser metaforizador, é que uma certa articulação do saber pode funcionar como Nome-do-Pai. (MILLER, 1998). É o aparelho do sintoma que permite recuperar a conexão significante-gozo.*

*A metonímia que se produz na ausência de um Nome-do-Pai que seja eficaz, nesse paciente, pode ser recortada a partir de uma série de impossíveis que ele constrói, o primeiro dos quais lhe é evocado por uma litografia de Maurits Cornelis Escher (1994), “Queda d’água: ‘É possível a água subir e descer ao mesmo tempo’ ‘É possível bater palmas com uma só mão?’ ‘Um pode ser dois’”?*

*Eis como o impossível, outro nome do real, fala.*

## Notas

<sup>1</sup> Psicóloga, Mestre em Letras. Profª Universitária na UNEB e Faculdades Integradas Rui Barbosa. Psicanalista.

## Referências

- ESCHER, M. C. Gravura e desenhos. *Prefaciado e comentado por M. C. Escher. Köln, Germany: Benedikt Taschen, 1994.*
- FREUD, S. *O mal-estar na civilização (1930).* In: \_\_\_\_\_. *O Futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos.* v. XXI. *Rio de Janeiro: Imago, 1974.* p. 75-171.
- LACAN, J. *Conferência em Genebra sobre el sintoma.* In: \_\_\_\_\_
- 
- *Intervenciones y Textos 2.* Buenos Aires: Manantial, 1993. p. 115-44 (tradução livre).
- \_\_\_\_\_. *Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. Scilicet 6/7 (Paris: Seuil), 1976.* p. 5-63.
- \_\_\_\_\_. *O avesso da psicanálise – O seminário – Livro 17.* Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise – O seminário–livro 11.* Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Psicoanalysis y medicina (1966).* In: \_\_\_\_\_ *Intervenciones y Textos 1.* Buenos Aires: Manantial, 1985. p. 86-99.
- LAURENT, E. Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicoanalítica; a conversação de Arcachon. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 1998.
- MILLER, J. A. *Clínica Irônica.* Curinga, 4: 31-35, 1994. *Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais, Belo Horizonte.*
- \_\_\_\_\_. *Os casos raros... op.cit. [1998]*